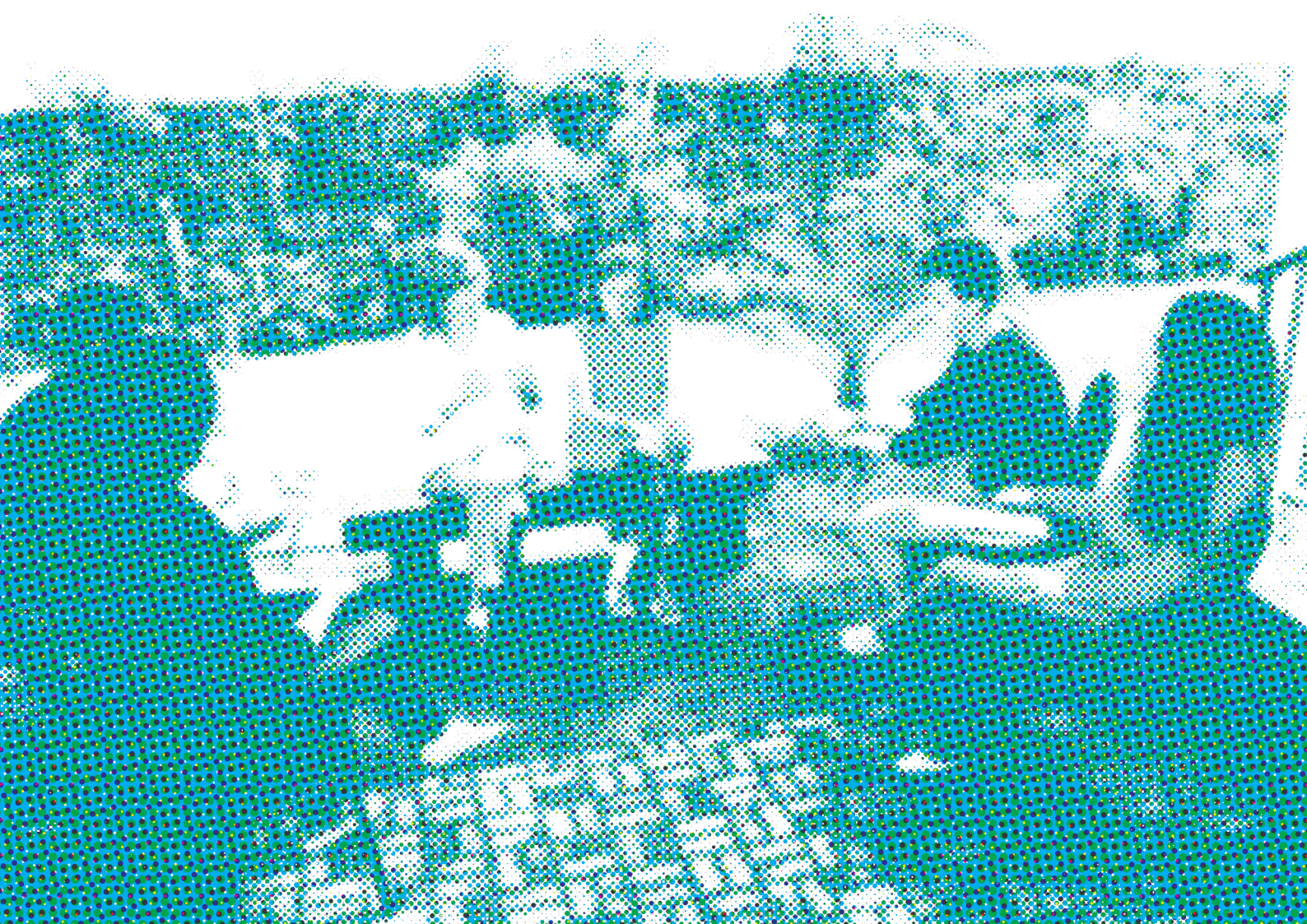


JUVEN TUDE 2030

CAMINHOS E
APRENDIZADOS
PARA UM MUNDO
SUSTENTÁVEL



**JUVEN
TUDE
2030** CAMINHOS E
APRENDIZADOS
PARA UM MUNDO
SUSTENTÁVEL

Elaboração: Programa Jovem Jornalista
junho | 2017

FICHA TÉCNICA

CIEDS

Diretor-Presidente: Vandr  Brillhante

Diretor Executivo : Fábio Muller

Gerente de Programas: José Claudio Barros

Gerente de Empreendedorismo e Inova o Social: Victor Ladeira

Equipe Jovens Jornalistas

Coordenador de projetos sociais: Valrei Lima

Assistente Técnico: Karoline Santos

Coordena o PNUD/Centro RIO+

Diretor: Rômulo Paes de Sousa

Vice-Diretora: Layla Saad

Coordena o de Jovens: Lorenzo Casagrande

Coordena o de Comunica o: Francisco Filho

Pesquisadora Visitante (Columbia University): Daniela Guzmán

Elabora o de textos

Ana Beatriz Vieira

Arthur Ferreira

Eliésio Macêdo

Guilherme de Moura

Juliana Carmo

Larissa Merheb

Victor Hugo Pereira

Projeto gráfico e diagrama o

Fábio L da

SUMÁRIO

ORGANIZADORES 6

MENSAGEM DE ABERTURA 8

PREFÁCIO 10

INTRODUÇÃO 12

JOVENS JORNALISTAS: QUEM SÃO 14

PARTE 1: JUVENTUDE QUE FAZ! 16

PARTE 2: REPRESENTATIVIDADE E CIDADANIA 29

PARTE 3: OPORTUNIDADES E INCLUSÃO 35

CONCLUSÃO 46

BIBLIOGRAFIA 48

ORGANIZADORES

O CIEDS

O CIEDS, Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável, é uma Instituição Social Sem Fins Lucrativos, filantrópica, signatária do Pacto Global da ONU e com status de Consultor Especial do Conselho Econômico e Social das Nações Unidas – ECOSOC. Foi eleita, em 2016, pelo prêmio TOP 500 NGOs, da organização NGO Advisor, a 3ª ONG mais relevante do Brasil e a 88ª do mundo. Suas ações concentram-se em três grandes áreas: a) Educação e Cidadania; b) Inclusão Social e Bem-estar; c) Empreendedorismo e Inovação Social.

Seus impactos para a sociedade caracterizam-se pela construção de redes e articulações entre atores de diversos setores, conectando diferentes interesses em causas comuns, qual seja a construção de uma sociedade mais justa e mais democrática. Em 2016 atuou na implementação de 41 projetos, espalhados por 15 estados brasileiros. Suas atividades envolveram 802 voluntários e impactaram 817.673 pessoas diretamente e mais de 250 organizações da sociedade civil.

Apoiou a formação de professores de unidades escolares em 8 estados brasileiros, ampliou perspectivas de futuro e gerou maior potencial de empregabilidade para mais de mil jovens. Fomentou a criação de mais 100 negócios de impacto social, que atualmente empregam 738 pessoas. Estes resultados somam-se ao empoderamento de cerca de 100 organizações sociais de base comunitária em São Luiz (MA) e Várzea Grande (MS) que juntas têm fortalecido o sistema educacional de seus territórios.

Em iniciativa pioneira, com o objetivo de apoiar e fortalecer políticas públicas, nas áreas da assistência social e saúde, o CIEDS implementou 86 residências terapêuticas que atendem atualmente a cerca de 450 pessoas com transtornos mentais, contabilizou mais de 50.000 atendimentos em oficinas de cultura, convivência e empregabilidade, contribuindo significativamente em seus processos de ressocialização e ressignificação das cidades para essas pessoas. Fez ainda a cogestão de seis unidades de reinserção social para crianças, jovens, adultos e idosos que atenderam 216 pessoas em situação de vulnerabilidade social. E atendeu mais de 800 pessoas com deficiência em projetos de geração de emprego, reabilitação e reinserção social.

Esse conjunto de resultados gerou efeitos positivos para todos os seus públicos, contribuindo para o aumento da confiança no futuro e aumento da participação cidadã dos participantes dos programas e projetos e ainda para o fortalecimento de organizações da sociedade civil de base comunitária.

#Redesparaaprospriedade

Centro Mundial para o Desenvolvimento Sustentável do PNUD (Centro RIO+)

O Centro RIO+ foi criado como um legado da Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento Sustentável (Rio + 20) com o objetivo de manter vivos os compromissos para o desenvolvimento sustentável, tanto no debate público quanto na tomada de decisão.

Fundado em junho de 2013 na cidade do Rio de Janeiro como uma parceria entre o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e o Governo do Brasil, o Centro RIO+ é um dos seis centros globais de excelência do PNUD, trabalhando em estreita colaboração com o Departamento de Apoio a Políticas e Projetos em Nova York e com os escritórios nacionais do PNUD em 166 países.

Nossa missão: Inspirar e incentivar práticas e políticas para uma maior justiça social, ambiental e econômica, como fundamento do desenvolvimento sustentável.

Nossa visão: Transformar o padrão de desenvolvimento, colocando a sustentabilidade no centro das prioridades dos formuladores de políticas públicas e dos cidadãos comprometidos com um futuro melhor para todos.

O trabalho do Centro RIO+ como um centro global do PNUD abrange três áreas principais:

Produzir análises e desenvolver ferramentas para traduzir o conceito do desenvolvimento sustentável em ações concretas e estimular iniciativas locais e globais para a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Promover diálogo amplo e participativo sobre o desenvolvimento sustentável, reunindo atores nacionais e internacionais, incluindo as diferentes esferas de governo, o setor privado, os cidadãos e as organizações da sociedade civil, com especial atenção aos grupos normalmente excluídos.

Internacionalizar as capacidades e experiências do Brasil na área do desenvolvimento sustentável para inspirar e apoiar os esforços internacionais para a implementação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, conferindo mais voz e maior espaço às perspectivas e lições do Sul Global.

MENSAGEM DE ABERTURA

Qualquer olhar ou descrição de um fato parte de um ponto específico. E a partir deste ponto, cada olhar traz uma interpretação, um foco, uma cor. Quando falamos sobre juventude, temos por princípio étário descrever o que os jovens sentem ou mesmo como eles veem o mundo. E na grande maioria das vezes assumimos que o nosso ponto de vista é o que deve prevalecer.

Com este projeto, Jovens Jornalistas, nós do Cieds e do Centro Rio + , tentamos mais do que desmistificar esse padrão, mas de fato assumir as intepretações e definições para uma agenda 2030 a partir do olhar, do ponto de vista, dos próprios jovens. Os jovens jornalistas talvez em seus sonhos diários de jovens moradores de comunidades cariocas, nunca sonharam em ser jornalistas, mas sonharam em um dia mudar o mundo. Porque esse é princípio de ser jovem. Tudo pode, tudo é possível.

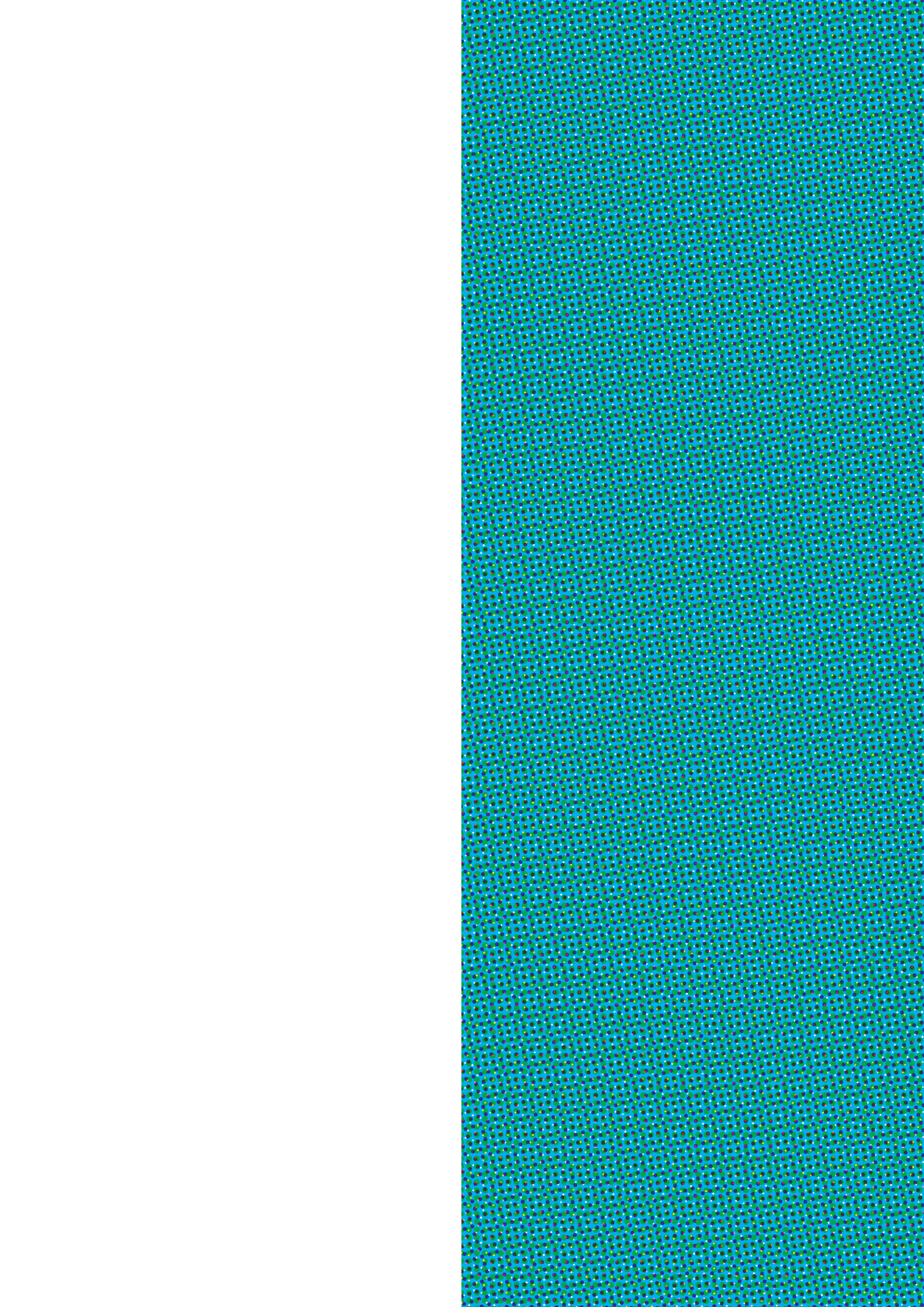
Nos orientamos e nos agarramos a esse princípio dos jovens, em geral, para trazer maneiras, artigos e sínteses de experiências visto por jovens que vivem e fazem as mudanças para concretizar seus planos e sonhos para uma vida melhor, uma vida diferente, que traga mudanças positivas efetivas para suas vidas. Discutir o futuro, sustentabilidade, uma agenda 2030 para o mundo com o olhar do jovem é o objetivo desta iniciativa.

São textos produzidos pelos jovens. São olhares inquietos, observações difusas, mas que expressam emoções, vivências locais reais e verdadeiras. E mesmo que reescritas diversas vezes em busca da perfeição, trazem a pegada jovem na essência. Os Jovens Jornalistas chegaram para propor novas visões, construir novos olhares, aproximar ideais e propor caminhos para um mundo melhor. Para nós do CIEDS, em parceria com o Centro RIO+, ajudar estes jovens a trilhar estes caminhos através das letras, é contribuir para que não somente os jovens deste projeto, mas milhares de outros jovens em diferentes partes do mundo, também compartilhem o princípio de que é possível fazer diferente, é possível mudar e construir um mundo melhor e mais sustentável para todos a partir de ações concretas de cada um de nós.

Acreditamos que mais do que informar e fazer os jovens conhecerem seus direitos, deveres e outras realidades, é preciso oportunizar aos jovens sair do papel de co-autor, para autores de seus destinos, autores de suas transformações para a vida adulta e para e exercício de tornarem-se os transformadores de suas realidades em cenários melhores para eles mesmo e para o mundo. Assim, escreveremos a história do futuro.

Vandré Brilhante

Diretor-presidente do CIEDS



PREFÁCIO

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas foram criados em 2015, um ano antes do nascimento do programa Jovem Jornalista no Rio de Janeiro. Os objetivos globais, como parte da agenda de 2030, foram construídos e aperfeiçoados nas negociações dos Estados membros da ONU e em um amplo processo consultivo com a sociedade civil.

O Brasil foi uma das vozes mais ativas nas negociações dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. Isso não é coincidência - o Brasil, uma potência econômica regional, o primeiro dos países BRICS e a sétima maior economia do mundo, têm grandes expectativas em relação a este tema.

O Brasil deve encontrar o delicado equilíbrio entre crescimento econômico, preocupações ambientais e causas sociais. Embora seja um país em rápido desenvolvimento, o Brasil enfrenta desafios iminentes: erradicar a pobreza, melhorar os serviços públicos de saúde e educação, mitigar as mudanças climáticas e a poluição, garantir o desenvolvimento econômico, construir e manter instituições justas e o Estado de direito.

Diante desses desafios, os ODS fornecem objetivos claros para uma agenda até 2030. Com contextos únicos colorindo as capacidades de cada Estado membro, cabe aos governos nacionais e à sociedade civil trabalhar com as Nações Unidas para criar uma estratégia própria, que seja incorporada pelos cidadãos.

Este é um dos temas globais do programa Jovem Jornalista. Ao ensinar workshops sobre jornalismo e reportagem aos jovens Cariocas, com especial atenção aos ODS, os jovens nesta cidade estão tomando a iniciativa de aprender sobre os desafios e soluções emergentes em suas próprias comunidades e compartilhando isso com o mundo.

Fui coordenadora do programa Jovem Jornalista quando o programa foi lançado em julho de 2016,

menos por minhas qualificações e mais pela confiança que me deram meus colegas Francisco Filho, Layla Saad, Rômulo Paes e Laura Hildebrandt do Centro RIO+, um dos seis centros temáticos mundiais do PNUD, centrando-se especificamente em Desenvolvimento Sustentável. Seu apoio permitiu que este programa florescesse, e eles continuam a promover sua sustentabilidade e muitas outras iniciativas no Rio de Janeiro através de pesquisas e parcerias. O Centro Integral de Estudos de Desenvolvimento Sustentável (CIEDS) fez o programa funcionar perfeitamente, incluindo uma transição perfeita quando saí do Rio para terminar meu programa de mestrado na Universidade de Columbia. A ambas as instituições, agradeço-vos por acreditarem neste projeto.

Aos jovens que eu tive a sorte de conhecer através deste projeto e que me ensinaram mais do que eu lhes ensinei: perseguir seus objetivos individuais, porque eles nos aproximarão mais desses ideais universais. O grupo de jovens cariocas veio a este projeto sem qualquer expectativa de onde ele levaria, e eles são o núcleo deste programa. Em um momento de formação em suas próprias vidas e um momento importante para seu país, eles contaram a história do progresso do Rio de Janeiro sobre os ODS com uma nova perspectiva.

Enquanto o mundo estava de olho na cidade olímpica, este grupo diversificou a conversa sobre o Rio de Janeiro - seus desafios e suas maravilhas - e construiu a base para que outros jovens participassem desse projeto. Mas eu não posso falar para o grupo incrivelmente talentoso de pessoas que realmente participaram do projeto - o resto deste livro é uma demonstração de sua capacidade, ambição e resiliência, e é apropriado deixar suas próprias vozes transmitir a mensagem.

Com carinho,

Daniela Guzmán Peña

INTRODUÇÃO

Com a ampliação do acesso à internet, essa geração pode conviver desde cedo com o boom de circulação de informações através das redes sociais, vlogs e canais alternativos. Essa relação em tempo real com as informações e a criação das redes sociais propiciou a democratização do acesso à produção de informação, alterando o cenário de quem produz e a quem atinge as informações. Agora os jovens enquanto produtores de conteúdo são protagonistas do olhar e opinião de diversos assuntos diversificando os locutores das notícias. Modifica sua forma de se relacionar com o mundo, como utilizam as ferramentas de comunicação e como propagam as informações apreendidas.

A representatividade se torna um diferencial do jovem comunicador, que em contraponto às grandes mídias, adequa a sua mensagem às juventudes e fomenta a discussão sobre o lugar de fala, como alternativa à editoria da mídia hegemônica.

Esse cenário propõe um processo emancipatório na busca de notícias, novas histórias, e acima de tudo, um novo olhar sobre a realidade que abarque a realidade plural. A compreensão crítica sobre os aspectos que constituem o desafio global dos ODSs envolve uma dimensão social guiada por diferentes realidades, que ampliam com significados os diferentes modos de sentir, existir e agir das juventudes decorrentes das relações com a sociedade e com os elementos que a constituem. Trazer os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável para o centro das discussões de jovens comunicadores é um dos caminhos para alcançar quem de fato colocará em prática a Agenda 2030, as juventudes. Aproximar iniciativas individuais e coletivas que traduzam em ações os 17 ODS, e o mais importante comunicá-las com uma mensagem clara e objetiva sem deixar ninguém para trás.

A potencialidade da comunicação atrelada a capacidade dos jovens como agentes de transformação, faz da informação um instrumento produtor da reflexão e de possibilidades de construção de ações coletivas, como meio de chamar a atenção para um futuro ressignificado.

CENÁRIO

O programa Jovem Jornalista é uma parceria do CIEDS (Centro Integrado de Estudos e Programas de Desenvolvimento Sustentável) com o Centro Mundial para o Desenvolvimento Sustentável do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD (Centro RIO+), que tem como objetivo dar visibilidade às pautas positivas da cidade do Rio de Janeiro por meio do olhar de jovens estudantes do ensino médio de escolas públicas.

Os participantes foram capacitados sobre a prática jornalística e realizaram a cobertura de eventos relacionados à Agenda 2030 da ONU, além de buscar em seus bairros, comunidades e na cidade do Rio de Janeiro, ideias, iniciativas e projetos que de alguma forma contribuam para o alcance dos objetivos do desenvolvimento sustentável.

Durante a caminhada formativa do programa, os Jovens Jornalistas se depararam com iniciativas comunitárias, projetos e experiências que tinham no protagonismo juvenil o seu ponto em comum. A partir desse cenário, os Jovens Jornalistas mergulharam nessas experiências para responder:

COMO AS JUVENTUDES TÊM CONTRIBUÍDO PARA UMA SOCIEDADE MAIS SUSTENTÁVEL, FRENTE AO DESAFIO DO ALCANCE DOS ODS (OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL)?

Foram 6 meses de vivência junto a outros jovens. Uma série de entrevistas, visitas e oficinas proporcionaram uma reflexão sobre o papel da juventude na busca por justiça social e um mundo mais sustentável. Como forma de pensar o papel das juventudes no alcance de uma sociedade mais justa e democrática, e apresentar caminhos e experiências que foram realizadas na cidade do Rio de Janeiro, a publicação "*Juventude 2030: Soluções e aprendizagens para um mundo sustentável*" têm como objetivo dar visibilidade às histórias e experiências mas pelo olhar dos jovens jornalistas.

Nas próximas páginas o resultado desse processo de descoberta e de troca entre esses jovens será narrada e descrita pelos Jovens Jornalistas Ana Beatriz, Eliésio, Guilherme, Larissa, Juliana e Victor Hugo.

Boa descoberta!

JOVENS JORNALISTAS: QUEM SÃO

ANA BEATRIZ VIEIRA

Sou Ana Beatriz Vieira, tenho 17 anos, natural de São Gonçalo, porém agora moro do outro lado da ponte, em Triagem, ambos ficam no RJ. Sou conhecida por sempre ter um sorriso no rosto, correr atrás do que quero, ser tagarela às vezes, ajudar as pessoas e por ser de humanas (mas eu também gosto de desvendar alguns mistérios matemáticos e amo biológicas <3). Gosto muito de conhecer pessoas, coisas e lugares interessantes.

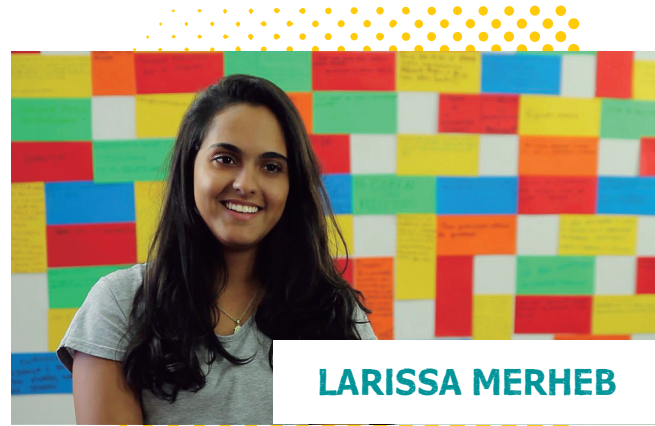
GUILHERME DE MOURA

Sou o Guilherme de Moura, tenho 18 anos e sou morador de Madureira e formado em Marketing pela FAETEC. Se quiser me definir em uma frase, pode ser "*Pas de soucis*", que significa "*Não se preocupe*".

VICTOR HUGO PEREIRA

Victor Hugo é o meu nome, tenho 17 anos, sou morador da Baixada Fluminense e apaixonado por Artes em geral. Entrei no Jovem Jornalista na intenção de mostrar o melhor que há na Baixada, que muitas vezes é ofuscada pela mídia tradicional e ao desenrolar do programa acabei me engajando na luta por um mundo melhor.

Sou Larissa Duarte Merheb Brandão, tenho 17 anos, moro atualmente em Santa Cruz, Rio de Janeiro. Desde 2011, estudo no Colégio Pedro II Campus Realengo II. Meus principais interesses são cinema e política internacional. Pretendo me graduar em Direito e/ou Relações Internacionais. Minha experiência extracurricular começou em 2013 num núcleo de pesquisa de geografia do colégio, o NEPAG. Realizamos uma pesquisa sobre Direitos Humanos em comunidades quilombolas. O projeto "Ubuntu" foi premiado e conseguiu lugar no London International Youth Science Forum.

**LARISSA MERHEB****ARTHUR FERREIRA**

Meu nome é Arthur Augusto F. Silva, tenho 17 anos, moro em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense. Sou aluno da Rede Estadual do Rio de Janeiro. Vim de uma cidade do interior de Minas Gerais conhecida como "Piumhi", não é uma cidade grande e com muitas oportunidades para um jovem que quer crescer na vida, por isso vim ganhar a vida aqui no Rio. Sou uma pessoa muito alegre, adoro esporte (exceto futebol), amo chocolate, amo fotografia, amo tecnologia.

Sou Eliésio Moraes Macêdo (sim, meu nome é esse, e acredite: sou super apaixonado por ele por ser tão diferente), vulgo Eli, tenho 19 anos, e sou natural do norte do país, mais especificamente do interior do estado do Pará. Sou um cara super distraído (em todos os sentidos, vivo no mundo da lua), um amante do estilo MPB e adoro explorar a peculiaridade/diferença de outros independente de onde vêm, como falam, como são, quais suas culturas e suas opções nesse mundo.

**ELIÉSIO MORAES****JULIANA CARMO**

Sou Juliana Carmo ou Juju/Ju Carmo, tenho 17 anos e moro no bairro de Honório Gurgel, Zona Norte do Rio de Janeiro. Sou negra e maravilhosa, gosto de falar (e muito), gosto de saber de tudo e aprender mais. Amo fotografia, viagens, animais e música. Sou persistente e atualmente busco propostas para solucionar problemas da minha escola e da comunidade onde eu vivo.

PARTE 1: JUVENTUDE QUE FAZ!



DIVERSAS IDENTIDADES, INICIATIVAS EM COMUM

Por Ana Beatriz, Guilherme de Moura e Larissa Merheb

Os jovens são maioria na população brasileira, mas já parou para pensar, que cada um vive em um local diferente da cidade, estuda em escolas diferentes, têm ou não, acesso às oportunidades, e que tudo isso torna esses jovens diferentes?

É muito mais importante compreender as juventudes que existem e como elas se relacionam com o espaço, do que tipificá-las e moldá-las para que caibam numa caixinha de definições como: “essa juventude não quer nada”, “nada que seja realmente bom ou relevante pode sair de uma comunidade carente” etc.

“O território por si só não é um espaço vulnerável”, disse o geógrafo Jaílson de Souza e Silva, criador do Observatório de Favelas. A partir disso, pode-se compreender o território como o lugar específico onde as vulnerabilidades se desenvolvem, mas não é só isso. Primeiramente, é preciso pensar quais são esses territórios e qual agente de mudança está sendo analisado.

Hoje em dia o que se sabe sobre vulnerabilidade não é escrito e produzido por pessoas que se encontram em tal situação. Essa falta de representatividade na produção de informações sobre esses territórios impacta na criação de estigmas sociais sobre esse espaço e a população que vive nele. Mas o que se vê é que justamente por estarem em situações adversas, os jovens que ali moram tem a potência de transformar esse olhar de vulnerabilidade. A partir dessa linha de raciocínio, é necessário refletir sobre a importância do jovem na sociedade que queremos construir para entender o lugar da juventude e como ela atua. Assim, é proposto um novo olhar para as diferentes juventudes que modificam territórios considerados “vulneráveis”.

Na maioria das vezes, ideias boas não saem do papel porque os idealizadores estão no escuro e não sabem para onde ir. Projetos e intenções ficam pela metade do caminho por conta da falta de informação, principalmente porque existe uma grande defasagem no acesso à essa informação e de oportunidades. Apesar de todos os contratempos há o envolvimento das juventudes em iniciativas e projetos de impacto e que promovem transformações inspiradoras nos locais onde vivem. Mesmo com toda a dificuldade, com todos os atrasos, o jovem ainda consegue se fazer presente, se fazer representar. Mesmo com pouco incentivo e com pouca visibilidade, o jovem se dedica e se esforça pelos seus sonhos.

Para exemplificar essas questões, serão apresentadas experiências e iniciativas de jovens que colocaram em prática o seu exercício de cidadania e trabalham o seu empoderamento:

O projeto Jovens Urbanos atua desde 2015 em territórios da Zona Oeste do Rio de Janeiro e promove a ampliação de oportunidades e o acesso a programas e políticas públicas para a juventude por meio de oficinas e da circulação nos territórios, bairros e cidade. Realizados com o objetivo de transformar os territórios em um ambiente mais favorável ao desenvolvimento pessoal dos participantes, e ao aumento de perspectiva de futuro e construção de ideias inovadoras para sua comunidade.



A principal meta deles é fomentar atividades territoriais protagonizadas por jovens, desde o seu planejamento até a execução. A partir da formação, os jovens tiram suas ideias do papel, resultados de uma demanda identificada através do diagnóstico participativo que aplicam em sua comunidade.

Os participantes vivem experiências transformadoras que ampliam seus horizontes e dão a eles uma nova visão do mundo, os motivando a quebrarem barreiras, estereótipos e, também, a construir redes com diferentes esferas: o governo, a iniciativa privada, as organizações e instituições locais

O projeto conta ainda com a Coordenação Técnica do CENPEC - Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária, idealizador do programa em conjunto com a Fundação Itaú Social.

O projeto Atitude Jovem Frente ao HIV/AIDS foi desenvolvido nas comunidades de São Carlos (Centro) e da Serrinha (Madureira), ambas localizadas no Rio de Janeiro. O programa beneficia 50 jovens com idade entre 15 e 24 anos. É uma iniciativa desenvolvida pelo CIEDS em parceria com a ViiV Healthcare.

Além de receber informações sobre as formas de prevenção do HIV e Doenças Sexualmente Transmissíveis, eles conheceram os programas e as políticas públicas de saúde para jovens oferecidas pelo município.

Após um processo formativo, eles se tornaram agentes multiplicadores e realizaram ações de mobilização e engajamento nas comunidades, para sensibilizar outros jovens sobre a importância da prevenção e as formas de diagnóstico e tratamento disponíveis em unidades públicas de saúde



No relatório nacional “Pesquisas sobre Juventudes no Brasil”¹, do IBASE de 2008, foi mostrado que “o jovem já não se vê como os jovens de outras gerações se viam e não buscam as mesmas coisas que eles buscavam. O documento revela que há sinais de desconforto social. Segundo as informações levantadas, hoje se buscam outros ideais: participar de redes de colaboração, contribuir para uma distribuição menos desigual das riquezas produzidas, construir novas relações entre o ser humano e a natureza”. A mesma pesquisa indica que os jovens têm bastante interesse em se engajar em causas sociais. A porcentagem de entrevistados que declara querer se engajar varia de 20% a 33% conforme as modalidades listadas, à exceção dos partidos políticos, que atraem menos de 15% dos entrevistados. Em todas as modalidades associativas investigadas, o percentual de pessoas que gostaria de participar de iniciativas em prol da garantia de direitos é maior entre os jovens que entre os adultos, e isso dá uma pista de caminhos a serem seguidos para alcançar uma sociedade mais justa e participativa.

1 ABRAMO, Helena. Pesquisa sobre juventudes no Brasil - 2008



Durante o Programa Jovem Jornalista, conhecemos iniciativas que comprovaram: a juventude não está parada e não será calada! Acreditamos no poder que o jovem tem de gerar mudança e transformação em todos os lugares. A partir destes relatos foi possível comprovar que o jovem tem potencial para transformar o local onde vive em um ambiente estimulante e produtivo, e que influencia outros jovens a praticarem ações para mudar a sua realidade.

A seguir, temos alguns exemplos de jovens que superaram desafios e que em diferentes escalas influenciaram seus territórios por meio de sua atuação cidadã:

AS VANTAGENS DE SER CIDADÃ (O) DO MUNDO

Por Larissa Merheb

Em julho deste ano, em Lisboa, foi realizada a trigésima quarta edição do “*Youth Science Meeting*”, que reúne jovens cientistas do mundo todo para uma semana de aprendizado e descoberta da maravilhosa capital de Portugal. O evento promove a integração de jovens que fazem a diferença em suas comunidades através da ciência. Num dia inteiro de apresentações, pode-se dizer que todos competem pelos prêmios oferecidos pela organização, que basicamente concedem a oportunidade de apresentar o mesmo projeto em outra parte do mundo. No entanto, dentre quase trinta projetos, apenas quatro conquistam tal oportunidade, porém, não é como se outros se sentissem como perdedores.

O projeto “*Carioca Traffic Transmedia Project*”, realizado pelo grupo de pesquisa NEPAG (Núcleo de Estudos e Pesquisas Audiovisuais em Geografia) do Colégio Pedro II Campus Realengo II, no Rio de Janeiro, foi selecionado, assim como grandes projetos de outras regiões do país, para representar sua comunidade e mostrar que a juventude brasileira está empenhada em fazer ciência e se conectar com jovens engajados ao redor do mundo.

Ao longo desses dias, a última coisa que importava era o reconhecimento de que seu projeto era o melhor na perspectiva dos jurados, a única coisa que importava é que naquele curto período de tempo



seria possível entender os desafios da Jordânia, o protagonismo da Turquia, e as especificidades de tanto outros povos, como o Paquistão, vivendo a milhares de quilômetros de distância no subúrbio carioca. A grandiosidade dessa experiência pode ser subestimada se pensarmos que atualmente vivemos num mundo conectado, no qual o que acontece nesses lugares está ao alcance de qualquer um com contas em redes sociais. Mas a partir de acontecimentos como esse, se torna claro a diferença absurda entre ter conhecimento de um fato e verdadeiramente ouvir o que as vozes protagonistas desse fato têm a dizer.

É comum reproduzir falas: *"O Brasil está em crise", "O Rio de Janeiro é muito violento", "os portugueses são isso, ou aquilo"*, mas é infinitamente diferente colocar estudantes da rede pública carioca, com a rede pública nordestina e mineira, com o ensino privado de São Paulo e Curitiba juntos, frente à frente com o jovens portugueses, belgas, mexicanos, paraguaios etc. E usando a definição de uma escritora nigeriana a qual tenho profunda admiração (Chimamanda Ngozi): *"o problema com os estereótipos não é que sejam incorretos, mas definitivamente são incompletos."*

Esses dias em Lisboa, me trouxeram a clara percepção de que atualmente, nenhum veículo midiático grande dá conta de transmitir tantas vozes e de nos mostrar o que realmente acontece no mundo. Ficamos atolados de meias verdades, caricaturas sobre um povo, uma região e particularmente a que pertencemos.

Pasme-se, ninguém da delegação brasileira sabia sambar (tentamos, com certeza), o brigadeiro deu certo assim como a impecável habilidade de improviso do grupo que lá estava. Porém, para além da descontraída noite de apresentação cultural, o que permanece depois de quase dois meses é a reflexão por trás de cada momento compartilhado. Por uma semana, vivenciei a faceta que mais gostei do que se pode chamar de identidade brasileira, o "jeitinho brasileiro" ganhou um novo significado. Onde tinha um brasileiro, ouvia-se gargalhadas num momento e discussões sobre história, economia e política no outro.

Um dos melhores momentos, particularmente, foi quando um colega belga disse algo nesse sentido: *"Eu não sabia nada sobre o Brasil e não gostava muito de vocês, mas se você não tivesse puxado assunto naquele dia, talvez nunca conversaríamos, preciso te agradecer por isso."*

Como pesquisadora e uma das jovens cientistas que lá estavam, fazer ciência significa exercitar a capacidade de extrair das experiências cotidianas mais do que elas aparentemente oferecem, é nunca parar de fazer perguntas e permanecer inquieto. É preciso higienizar, trocar e reparar constantemente as lentes que usamos para enxergar o mundo. Admitir qualidades e defeitos para um grupo de pessoas é perfeitamente analítico, um processo natural de alguém que observa, mas nenhuma concepção particular deve impedir que se busque aprender com o outro. A juventude do Paquistão tem o que ensinar, a Jordânia e a Romênia também, assim como todos os outros países lá representados, assim como cada indivíduo que lá estava. É preciso olhar Portugal para se entender o Brasil, é preciso ir fundo nessa história e sair do "blá blá blá" do livro didático.

Não conseguimos nos enxergar sem o outro, em busca de um planeta mais sustentável em todos os níveis. Por um desenvolvimento que não exclui ou deixa pela metade. Lisboa provou que é possível existir diálogo e que a partir daí coisas incríveis surgem, mesmo que seja o clichê sentimento de pertencer ao mundo todo mais do que a si mesma.



Extraído do blog:

<https://jovemjornalista.wordpress.com/2016/10/21/as-vantagens-de-ser-cidada-o-do-mundo/>

ENTREVISTA COM A BANDA CORONEL SOARES

Por Victor Hugo

No dia 10 de julho, o Centro Mundial para o Desenvolvimento Sustentável do PNUD (Centro RIO+) promoveu no Centro Cultural Donana uma oficina sobre os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS) para músicos e artistas no município de Belford Roxo, na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro.

O workshop tinha como objetivo inspirar a reflexão e a ação em prol dos ODS e dar visibilidade às iniciativas artísticas e culturais na Baixada, que apesar de ter um baixo índice de desenvolvimento humano, tem tomado cada vez mais força entre a juventude no cenário artístico.

Um dos grupos que estiveram presentes no evento foi a banda de indie rock Coronel Soares. Formada em 2014 por Brendo Mello (vocalista), Edgard de Portella (baixista), Rubens (guitarrista) e Jhanio do Carmo (baterista), com bastante referência dos anos 70, Coronel Soares faz um som autêntico e reflexivo.

Como nasceu “Coronel Soares”?

B: Coronel Soares foi uma ideia do Edgard. A gente estava pensando em nomes e não achava um legal, aí ele pensou em Coronel Soares. Coronel Soares é o nome da rua onde eu moro. Na hora eu fiquei “*não vou dizer que eu gostei, mas vamos nessa*”. Tem uma história, a gente começou a tocar naquela rua e aí foi ficando, a galera foi gostando com o tempo, foi aprendendo a amar e hoje em dia a gente ama isso.

Para vocês, qual é a importância da música?

direção, com todo problema de adolescente, rebeldia, não saber o que quer, então eu me envolvi com um monte de coisas que não tinha nada a ver, que nem é legal falar... E eu consegui sair dessa maré ruim que tinha pegado graças a música. Ela que me salvou. Até hoje ela fala comigo. Minha biblioteca no computador é tipo uma Bíblia. A música fala contigo. Eu respiro isso, fora de gênero, de ritmo, seja o que for, às vezes um forro, um bolero, um rock, na maioria das vezes, me ajuda, me salva, me tira de problemas dentro da minha cabeça. Conflitos comigo mesmo. A presença dela na minha vida é fundamental. É tudo para mim.

B: A música também fez isso comigo. Teve uma época da minha vida que me afastei da música. Parei de tocar e fiquei nessa zoeira, nessa bagunça, não fazia nada, era só festa final de semana, que é uma coisa que a gente tem aqui a balde. Você quase que não tem acesso à cultura; graças a música, a esses caras aqui (os outros integrantes da banda), a gente está vivo. A gente está fazendo algo sabendo que é bom.

E: Para mim, música é uma terapia.



Como foi o workshop?

B: Eu acho que foi boa, porque a Baixada estava um pouquinho esquecida, os olhares não estavam mais para cá e isso foi bacana para os músicos, para trazer mais ânimo, mais oportunidade, porque música é difícil para caramba e agora você vai ter mais uma vitrine; além da iniciativa, porque a gente vai estar abordando temas que tem que chegar nas pessoas para trazer uma mudança na sociedade, uma mudança de pensamento, e acontecer alguma coisa de bom por aqui, porque está precisando.

Durante a oficina, foi proposto aos músicos que compusessem músicas com o tema sustentabilidade; o que vocês prepararam?

B: Na verdade, essa música, que é composição do Edgar, já estava pronta. O grupo que nós fizemos parte disseram que poderíamos estar trazendo músicas nossas que já tiverem prontas que se encaixem com alguma das ODS, então apresentamos essa música, a galera curtiu e resolvemos experimentar ela.

No que vocês se baseiam para criar as suas músicas?

B: A nossa música não é baseada, ela surge inconscientemente, depois a gente percebe que se encaixa em alguma situação da nossa vida, muitas vezes nem é proposital. E se a gente pensasse em fazer uma música pensando nisso, iria sair muito mecânico e chato. Dessa forma sai uma coisa mais poética.

Vocês estão trabalhando no álbum de lançamento, certo?

J: Sim, fazendo pouco show, devido ao projeto do disco. São 10 canções (...), estão todas quase prontas, por isso estamos com a agenda meio sem divulgação, para dar prioridade a esse disco. A coisa é boa. Nos apresentamos outro dia e a galera curtiu para caramba. Não é porque é minha banda, não, mas a música está ótima!

Qual é o conceito do álbum?

B: Uma coisa que eu posso dizer que resume é "*Grito Inconsciente*". (...) é o que você está dizendo sem perceber. É o que o seu corpo pede. Os avisos que a gente tem. As nossas incomodações que a gente não percebe...

Quais são as referências da banda?

J: É unanimidade entre a gente: são os anos 70 mesmo. A gente é um bando de velho preso em corpo de moleque novo (risos).

O álbum debut da banda ainda não tem previsão de lançamento.



Extraído do blog:

<https://jovemjornalista.wordpress.com/2016/10/18/entrevista-com-a-banda-coronel-soares/>

HORTA COMUNITÁRIA: PARA VIDAS SAUDÁVEIS E SUSTENTÁVEIS

Por Victor Hugo Pereira

Em 2012, durante a semana do meio ambiente, um grupo de alunos do Colégio Estadual Presidente Kennedy, Belford Roxo, se reuniu para desenvolver um projeto sobre compostagem, coletando resíduos orgânicos e fazendo o experimento em um pequeno canteiro criado por eles na escola. Anos depois, o que começou como um simples trabalho de classe, hoje é referência em ecologia na cidade.

Hoje funcionário da prefeitura de Belford Roxo, Marcelino Araújo, de 52 anos, foi um dos alunos que participou da iniciativa na época e até hoje, mesmo depois de formado, ele continua ajudando na horta comunitária.

“**É uma terapia. A pessoa que vem para cá, visitar uma vez, não quer mais sair. Dá um prazer imenso.**”

Além de cultivar hortaliças in natura (como alface, beterraba, couve e chicória) para o próprio consumo da escola, o espaço também é usado frequentemente pelos alunos do curso de meio ambiente para a realização de diversas atividades acadêmicas e ecológicas, uma delas é o cultivo de mudas de árvores da mata atlântica, como o jacarandá, o pau-brasil e o ipê-roxo.

“**A prefeitura de Paraíba do Sul esteve aqui e levou mais de duas mil mudas para reflorestamento,** disse Araújo.

Por mais que não seja necessário muito espaço e os custos de mantimento sejam mínimos, o que mais dificulta na criação de uma horta comunitária é a falta de voluntários, sendo que os professores têm papel fundamental na convocação deles no colégio.

“Existem muitos prazeres na vida, mas cuidar de um canteiro, acompanhar o processo todo... é muito gratificante. Mas infelizmente a nossa sociedade cultiva valores diferentes. Eu escuto as pessoas que olham da grade falar ‘esse cara é maluco, vem pra cá, não ganha nada, trabalha feito um burro velho na horta, só para ver canteiro ficar verde?’ eles não sabem o valor que isso tem.”

Durante todas as manhãs de sábado, as portas da horta no c.e.p.k. estarão abertas para todos aqueles que quiserem apoiar e conhecer um pouco mais sobre o projeto. A horta também tem um facebook, click aqui para saber mais.



Extraído do blog:

<https://jovemjornalista.wordpress.com/2016/08/08/horta-comunitaria-para-vidas-saudaveis-e-sustentaveis/>



'CROSSOVER' NO CIEDS: JOVENS JORNALISTAS ENTREVISTAM JOVENS APRENDIZES

Por Guilherme de Moura

Qual a melhor maneira de se avaliar o resultado de um projeto? Perguntando aos participantes se aquilo que eles esperavam receber foi entregue da forma como eles desejavam. Como saber se um workshop voltado para os jovens conseguiu desenvolver todo o seu potencial e inspirou-lhes a colocar suas ideias em prática, além de dar vazão à criatividade característica de um jovem? Indagar a eles – para quem tudo foi planejado – é a melhor ideia quando a intenção é entender qual o resultado final de uma oficina.

Os dois grupos marcaram presença no workshop Pense Grande, da Fundação Telefônica, no dia 5 de setembro. A finalidade do projeto era dar vazão à criatividade dos jovens e ensiná-los a preparar uma oficina através da prática. Os jovens foram separados em grupos e receberam tarefas que deveriam ser realizadas para que a oficina transcorresse normalmente. Pelo resultado, se depender dos jovens do CIEDS para preparar uma oficina, tudo vai correr perfeitamente.

A entrevista teve como objetivo entender qual é a visão dos jovens em relação à oficina. Ninguém melhor do que os próprios participantes para opinar sobre o evento. Foi nesse contexto que os jovens jornalistas realizaram uma entrevista com Marcos Silva e Tainá Galdino, jovens aprendizes do CIEDS. Perguntas bem diretas e sucintas permitiram que os dois jovens de 19 anos pudessem se expressar da melhor forma.

Perguntada sobre suas expectativas em relação ao projeto, Tainá responde que a palestra não deixou a desejar. *"Eu não imaginava que os ensinamentos e o conhecimento seriam passados daquela forma. Ao mesmo tempo em que nós estávamos aprendendo o próprio conteúdo, também estávamos aprendendo a ser novos formadores, a passar aquele conteúdo para outras pessoas futuramente."* E questionada sobre sua opinião acerca de trabalhar voluntariamente, ela destaca a importância de não trabalhar somente por algum interesse, mas por amor a alguma causa. *"não importa onde, pode ser na faculdade, na rua ou na sua comunidade mesmo, o trabalho voluntário é enriquecedor. É um compartilhamento de conhecimento. O pouco que eu sei, divido com o próximo, o que gera um ciclo sem fim."*

Complementando o que Tainá disse, Marcos afirma que *"é algo sentimental. Você não faz por dinheiro, mas faz por amor, por vontade."*

Deixando um pouco de lado a opinião dos jovens, a entrevista se dirige para outra área: o impacto que projetos como o Pense Grande podem ter nas comunidades. A questão agora é sobre problemas que podem ser resolvidos a partir do Pense Grande. Tainá afirma que, certamente, oficinas com esse caráter geram impacto. Para ela, o compartilhamento das informações é muito importante por gerar um "ciclo sem fim" onde um passa conhecimento para o outro. Marcos tem uma opinião semelhante. *"É uma rede de informação, porque o que a gente aprende, a gente vai repassar. Uma informação parada não é informação, a gente vai estar sempre ensinado, passando para o próximo, e o próximo adiante, concretizando essa continuidade."*

Existem muitas boas ideias nas cabeças dos jovens do Brasil, basta alguém saber aproveitar. E é isso que o pense grande tenta fazer. A oficina, segundo os jovens, foi bem proveitosa, e permitiu que o máximo de conhecimento fosse extraído. Tudo o que é necessário agora é que esses jovens coloquem suas ideias em prática e cresçam.



Extraído do blog:

<https://jovemjornalista.wordpress.com/2016/09/19/crossover-no-cieds-jovens-jornalistas-entrevistam-jovens-aprendizes/>

TORCIDA BRASILEIRA PARA PEDRO DA SILVA, O PEPÊ NO CANOAGEM SLALOM

Por Guilherme de Moura

O slalom não é um esporte muito popular e difundido no Brasil, mas não contou com um público menos significativo do que qualquer outro mais reconhecido no país. Com a presença do Pedro da Silva, o Pepê, a torcida brasileira deu um show e incentivou o canoísta brasileiro no Whitewater Stadium, num dia frio e chuvoso no complexo esportivo de Deodoro.

Pedro da Silva começou a praticar canoagem em um projeto social em Piraju, em 2004, conciliando a escola e os treinos. Se ele quisesse treinar, precisava manter suas notas altas. Depois de terminar seu período escolar, ele escolheu estudar fisioterapia na faculdade, que precisou abandonar temporariamente. Mas Pedro planeja retomar seus estudos assim que alcançar seus objetivos esportivos.

A trajetória esportiva de Pedro não começou na canoagem. Seu primeiro contato com esse tipo de esporte se deu quando ele chegou a um projeto social na cidade de Piraju, encontrando a vela. Porém, o relacionamento dele com o esporte do medalhista olímpico Robert Scheidt não foi muito longo. Depois de experimentar a vela, ele se direcionou para o esporte ao qual ele se dedica hoje em dia, vendo que tinha jeito pra coisa. E ali ele se encontrou. *"quando alguém tem talento e a oportunidade aparece, não tem resultado melhor"*, declara o primo André. A partir do momento em que ele entrou pela primeira vez no caiaque, os treinadores viram algo especial nele. Após isso, foi só crescimento. Com 17 anos, ele foi morar longe da família, em Foz do Iguaçu, com a delegação brasileira. Com a mesma idade, participou da primeira competição internacional, no Canadá. Foi campeão Pan- Americanos, e em 2015 conseguiu medalha na mesma competição, porém em não no mesmo ano. *"Participar de uma olimpíada no 'quintal de casa', não tem ponto mais alto"*, diz ainda André.

Mas é nas olimpíadas que Pepê vê a sua maior oportunidade. Depois de se classificar para a final com a décima vaga – a última – com o tempo de 1:35,68, Da Silva se esforçou para ganhar uma medalha, mas não teve sucesso. Ele sofreu penalizações que aumentaram seu tempo. Mas isso não impediu a festa da torcida. Na prova final, ele conseguiu um bom tempo: 1:31,68. Foi suficiente para garantir o quinto lugar na classificação final e deixar Pepê muito feliz. Um quinto lugar em canoagem slalom numa olimpíada é um resultado muito satisfatório, já que o esporte não conta com muito apoio e popularidade em terras tupiniquins. O primeiro lugar ficou com o britânico Joseph Clarke, seguido do esloveno Peter Kauzer e de

Jiri Prskavec, da República Tcheca. O desempenho de Pedro da Silva deixa no ar uma expectativa grande com relação ao desenvolvimento do slalom no Brasil.

Esse é só início do caminho de pepê, um atleta muito talentoso que possui muito potencial e que, com certeza, ainda vai dar muito orgulho para nós brasileiros.



Extraído do blog:

<https://jovemjornalista.wordpress.com/2016/08/12/torcida-brasileira-para-pedro-da-silva-o-pepe-no-canoagem-slalom/>

A GINASTA CARIOCA DA CERIMÔNIA DE ABERTURA PARA RIO 2016

Por Guilherme de Moura

Entre muitos aspirantes a dançarinos da festa de abertura das Olimpíadas, os melhores foram selecionados. Aqueles que tiveram a honra e, ao mesmo tempo, receberam essa responsabilidade enorme vão fazer parte do espetáculo mais esperado dos Jogos Olímpicos. São eles que vão se apresentar neste show que, segundo alguns, não terá tanta imponência quanto as cerimônias das Olimpíadas anteriores, mas promete não deixar a desejar.

Todo o tempo que eles passaram ensaiando, todo o esforço que eles fizeram, foi para esse momento. E uma das pessoas que se apresentará no dia 5 de agosto, no Maracanã, é Ana Beatriz Lisboa, uma ex-ginasta de 17 anos, moradora de Vila Isabel e estudante da FAETEC. A adolescente encontrou um jeito de voltar a fazer o que ama – dançar -, depois de ter que escolher entre a escola e a ginástica.

A história da Aninha com a ginástica rítmica começa aos 11 anos, quando ela passava muito tempo sozinha em casa, e encontrou no esporte um jeito de preencher esse tempo. Talvez, sua altura (1,57m) tenha influenciado na escolha, já que a ginástica é um esporte reconhecida e predominantemente para 'baixinhos'.

Ela, como a maioria dos ginastas, começou na escolinha, e não foi fácil. *"Foi muito difícil pra mim no começo, porque eu era dura, não sabia dançar. Mas, com o tempo, comecei a pegar jeito e a me esforçar muito, porque era uma coisa que eu queria."* A partir desse momento, Lisboa percebeu que levava jeito para a coisa e começou a se dedicar ao esporte. Junto com o esforço, vieram resultados. E muito rápidos, como ela mesma atesta.

"Com muito pouco tempo de ginástica, eu comecei a receber resultados positivos. Com 1 ano de ginástica, consegui abrir "espacate". Tem pessoas que levam anos para conseguir. E não parou por aí. A ascensão de Ana continuou, a ponto de, apenas no seu segundo ano, ser chamada para a turma intermediária. Foi aí que o compromisso com a ginástica rítmica começou a se aprofundar ainda mais.



No segundo ano, fui chamada para turma intermediária. No meio do ano da turma intermediária, eu fui chamada para competir. E no final do meu segundo ano eu recebi um convite para participar da equipe principal e para viajar para fora do Brasil, dançar no evento mundial de ginástica.

Ana Lisboa não estava mais só brincando de ginástica, ela iria representar o seu país numa competição mundial, na Europa. Ela teve que se dedicar ainda mais. Com treinos 4 ou 5 vezes por semana, se entregou ao esporte para se sair bem, junto com a equipe, na competição.

Mas, como na história de quase todo atleta, acontecem reviravoltas. Com a ex-ginasta não foi diferente. O ritmo pesado de treinos começou a exercer influência em outras áreas da vida dela, como na escola. Muitas vezes, ela teve que se trocar para o treino no banheiro do colégio, e levava uma mochila enorme, que com certeza não era leve.

O número de faltas nas aulas na escola começou a aumentar, obrigando-a a fazer uma difícil escolha: a ginástica ou a escola. Já sabemos que ela é uma ex-ginasta, portanto é fácil descobrir o que ela escolheu. Foi uma decisão complicada, mas não havia opção. Porém, esse não foi o fim da história da Aninha com a dança.

Algum tempo depois de decidir se afastar da ginástica, ainda triste, surgiu uma oportunidade de se reaproximar do que ela ama fazer. Um cartaz de divulgação de inscrições para candidatos a dançarinos na cerimônia de abertura do Rio 2016. Na mesma hora, o ânimo dela mudou. Ela se inscreveu e fez a audição, que também deixou ela apreensiva.



Fiz a audição e fiquei aflita porque o resultado demorou pra chegar. Mas quando chegou, estava dizendo que eu tinha passado e que eu tinha conseguido uma vaga.

Foi o casamento perfeito. Era exatamente o que a agora a 'dançarina olímpica' queria e do que ela precisava.

"Estou ensaiando muito, a coreografia está muito legal, muito linda e a expectativa está muito grande." Perguntada sobre a sensação de ser uma protagonista de uma das cerimônias mais importantes do esporte mundial, ela responde: "Eu estou nervosa porque a coreografia depende de todo mundo, apesar de ser fácil. Se um errar, pode estragar tudo. Isso é o que me deixa mais nervosa. A gente treina e se esforça tanto, mas precisa que todo mundo faça tudo certo, pra sair tudo bem. Mas eu estou muito feliz, muito animada".

E ainda fala da experiência de estar dentro do campo do estádio de futebol mais famoso do mundo. *"Quando a gente começou a ensaiar no Maracanã foi surreal. A gente começou a ver a iluminação, aquele lugar enorme, com o som – porque até antes de começarmos a ensaiar no Maracanã, nós só ouvíamos a música através de um ponto no ouvido -, tudo tão grande... eu estou a mil."*

Mas, como quase nada é perfeito, Ana Lisboa tem uma queixa (em tom bem humorado) a fazer: *"Depois da cerimônia, eles vão dispensar a gente. Eu não vou poder nem ficar no Maracanã depois do espetáculo. Vou ter que ir embora sozinha. Meus pais vão me assistir e eu não vou poder ficar com eles depois."*

Mas, com certeza não é isso que vai tirar a alegria de estar fazendo o que ama da menina. Certamente, ela está e continuará aproveitando o máximo que pode. Terá bastante história pra contar.



Extraído do blog:

<https://jovemjornalista.wordpress.com/2016/08/02/a-ginasta-carioca-da-cerimonia-de-abertura-para-rio-2016/>

PARTE 2: REPRESENTATIVIDADE E CIDADANIA



AMPLIAÇÃO DO CENÁRIO DE PROTAGONISMO JUVENIL

Por Eliésio Moraes e Juliana Carmos

Segundo a ONU, 50% da população do planeta tem menos de 30 anos de idade, ou seja, está dentro da faixa etária considerada jovem. Mas há um problema: apenas 2% exercem cargos eletivos. Dado alarmante, não? Nesse cenário faz-se necessária uma maior atuação das pessoas dessa faixa etária na tomada de decisões importantes, que envolvem a vida de um grande número de pessoas. Os cargos de poder têm sido amplamente dominados por indivíduos que ultrapassaram a barreira dos 30 anos e já não são mais considerados jovens. A Juventude precisa se fazer ouvir, ter mais expressividade e poder. Afinal, metade dos seres humanos pertencem a esse grupo.

Mas por que a juventude tem que ocupar espaços de poder? É só porque a quantidade de jovens aumentou e, por isso, a representatividade tem que acompanhar? Não, não é só isso. Um dos motivos que justificam a maior representação jovem é que os jovens sempre estão em condições e ocupam uma faixa etária importante, onde se concentra toda a força, a energia e o dinamismo do ser humano; nessas idades consideradas jovens a pessoa vive com maior ambição de ver um mundo melhor, e nessas condições o futuro se faz, e como disse Silvino Mendonça, secretário Executivo do Fórum Nacional de Juventude e População de Guiné Bissau, "o jovem faz o futuro".

A juventude brasileira é composta por mais de 47 milhões de pessoas com idades entre 14 e 29 anos, segundo o estudo Juventude e Políticas Sociais no Brasil, 2009¹, e pede-se a criação de mais políticas públicas voltadas a esse tema, levando em consideração o fato de o Brasil ser um dos países com maior percentual de jovens em sua população. É de total importância a participação dos jovens no contexto dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), já que a juventude é considerada o maior meio de propagação dessa agenda. Vale ressaltar que os mesmos são afetados por diversos obstáculos,

principalmente nos setores de educação e mercado de trabalho, violência, falta de oportunidades, participação e inclusão, que dificultam o cumprimento da agenda 2030

A Plataforma dos Centros Urbanos (PCU) é uma contribuição do UNICEF que busca um modelo de desenvolvimento inclusivo baseado na redução de desigualdades que afetam a vida de crianças e adolescentes.

Ao CIEDS, coube a execução do eixo de participação cidadã de adolescentes no Rio de Janeiro.

A Plataforma dos Centros Urbanos atua em três eixos:

1. *Monitoramento da redução das desigualdades;*
2. *Participação social nas políticas públicas nos territórios intraurbanos;*
3. *Participação cidadã dos adolescentes;*



Esse contexto traz um questionamento: até onde os jovens se sentem realmente representados? De que forma podemos melhorar a vida de adolescentes e jovens e garantir seus direitos? Qual é a melhor maneira de diminuir as desigualdades intraurbanas? Quais são as estratégias para movimentar e fazer a inclusão e participação de jovens dentro das políticas públicas?

Os jovens enfrentam diversos desafios quando se trata de acesso às políticas públicas, e cabe à juventude reivindicar e fiscalizar o resultado dessas políticas que estão sendo aplicadas, ou seja, analisar até que ponto elas estão assegurando as oportunidades de que os jovens necessitam para construir seus futuros e de que forma esses problemas que os atingem podem ser combatidos.

Nos grandes centros urbanos, essa situação é ainda mais difícil para os adolescentes e jovens, por isso foi criada a Plataforma de Centros Urbanos (PCU) que propõe dar luz sobre essa questão.

No ciclo de atuação de 2013 a 2016, contemplou-se oito capitais: Belém, Fortaleza, Maceió, Manaus, Rio de Janeiro, Salvador, São Luís e São Paulo. A iniciativa consiste na parceria entre o UNICEF e o Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA) de cada uma das cidades em torno do compromisso com a melhoria da vida das crianças e dos adolescentes.

E essas iniciativas possibilitam a criação de espaços de debate e diálogo da juventude com as políticas públicas, como o Comitê de Jovens da PCU, que foi criado através da proposta de 6 jovens do projeto que participaram do Encontro Nacional da Plataforma dos Centros Urbanos. A partir dessa ideia, seria criada no

Rio de Janeiro essa rede de jovens de diversas iniciativas de protagonismo juvenil da cidade, para discutir e pensar formas de aumentar a participação cidadã de adolescentes e jovens nos espaços formais como Conselhos, Fóruns, etc...

Eles interagem nas reuniões para ampliar e fazer com que se executem as políticas públicas nos seus territórios. Os jovens estão ligados para garantir a tomada de decisão responsável e inclusiva se envolvendo e se fazendo representado em todos os níveis para juntos lutarem contra as desigualdades.



Durante esse período tivemos mil e uma inspirações e o melhor, é que todas essas inspirações que falamos são de jovens como nós, jovens das nossas idades, de comunidades como a gente e estudantes da rede pública de ensino. Tivemos a oportunidade de conhecer novas pessoas e entender um pouco suas histórias de vida onde conseguimos expandir nossas perspectivas sobre ser jovem, além da percepção que obtivemos sobre nosso “eu” em relação aos outros jovens.

Assegurar a igualdade entre mulheres e homens, igualdade ao acesso às oportunidades, e educação de qualidade, direito à uma vida livre de todos os tipos de discriminação e violência, com cuidado essencial com a saúde, em especial à saúde reprodutiva e sexual, são alguns direitos fundamentais para o bem estar de jovens que estão incluídas na agenda 2030.

A juventude clama por respostas abrangentes e globalizadas. Contudo, é novo o pensamento de que existe um grupo de idade intermediária entre a infância e a fase adulta marcada por mudanças sociais, emocionais, mentais, econômicas e físicas. O grupo jovem está longe de ser uma classe homogênea, pois é marcado pelas desigualdades da nossa sociedade. Mesmo que a juventude atual tenha oportunidades melhores do que as outras gerações, muito jovens vivem em situação de vulnerabilidade, têm pouco acesso a saúde e oportunidades e convivem com taxas de desemprego altíssimas.

Logo, é uma função das mais complicadas o estabelecimento de medidas críticas e definitivas com respeito à juventude em geral e ainda, qualquer divisão que se faça não é válida de modo igual para os grupos sociais presentes em outros territórios. Ou seja, não se pode tratar de juventude como um conceito homogêneo e sim como um todo respeitando as suas singularidades.

Os jovens podem sim exercer a cidadania no dia a dia nas suas ações e práticas em sociedade. No decorrer da juventude e da vida, ser cidadão não se baseia somente em ter seus direitos respeitados e obedecer às leis, é toda uma preparação para fazer uso disso em relações mais extensas no futuro.



A MULHER NEGRA NO RIO DE JANEIRO COMO AGENTE DE MUDANÇA COM ONG CRIOLA

Por Eliesio Moraes

CRIOLA é uma organização fundada em 1992 (ativa há 24 anos) e conduzida por mulheres negras. Sua atuação é toda focada pela na luta das igualdades de gênero, raciais e étnicos, e em uma perspectiva de integralidade mundial. Assim, orientando mulheres, adolescentes e meninas negras para o desenvolvimento de ações voltadas às melhorias das condições de vida dos afrodescendentes, em especial das mulheres negras.

Buscando a inclusão de negras como agentes de mudança, contribuindo para a construção de uma sociedade fundada em valores de justiça e lealdade, em que a contribuição da mulher negra seja acolhida como um bem humanitário.

Uma das fundadoras da Criola, explica o motivo para a criação da ONG:

“ ***O motivo é mostrar a bela história do povo negro, das culturas, dos costumes entre outros. Outro motivo é dar continuidade ao costume das mulheres afro, que desde antigamente faziam organizações em defesa dos seus direitos,***

Jurema Werneck, de 54 anos.

A Criola junto com as mulheres procuram criar e executar novas formas para a luta política de grupos de mulheres negras, buscando trazer autoconhecimento dos seus direitos como cidadãs, e continuando a formar líderes feministas, mais potentes para a luta a favor da mulher negra.

Com sede no Centro da cidade do Rio de Janeiro (RJ), assim, levando para outros estados palestras e atividades em diversos lugares tanto, em solo nacional quanto internacional.

A organização é um apoio para a construção de uma nova sociedade, mostrando razão para lutar contra intolerância, o sexismo, o racismo e a homofobia.

A entender que existem várias possibilidades de luta, mas o objetivo é sempre em um futuro melhor, mostrando que enquanto houver indiferença em relação a realidade da desigualdade o mundo não avança. Que apenas nos sirva de ideia, que elas são mais do que simples mulheres, são guerreiras, são audaciosas, resilientes e acima de tudo poderosas.

REDE CIDADÃ NO RJ AVANÇA OS OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA ONU

Por Eliésio Moraes

Com sede em Belo Horizonte(BH), a Rede Cidadã, é uma organização não governamental sem fins lucrativos, que foi fundada em 22 de Outubro do ano de 2002 e que está presente em 11 estados brasileiros e tem como fundador Fernando Alves.

Buscando humanizar pessoas com pautas em igualdade social, redução da pobreza, uniformidade e capacitar pessoas (jovens, adultos, PCD'S e LBGTI) para o mercado de trabalho. Tem como metodologia a Rede de Geração de Trabalho e Renda (RGTR), que é um curso gratuito oferecido às pessoas com interesse durando 3 dias, após sendo encaminhadas para as vagas na atualidade.



Pagar um curso, qualquer um te paga, mas mudar o mundo é na Rede Cidadã,

Fernando Alves (fundador)

As vagas para encaminhamento dos candidatos são de empresas parceiras da ONG, que no total se baseia em 2.086 empresas. Durante esses anos essa ONG já empregou 12 mil jovens e 500 PCD'S.

Neste ano ela participou de um ranking mundial concorrendo com ONG's de todo o mundo, onde ficou em 124 lugar das 500 organizações mais importantes do mundo.

A Rede Cidadã nada mais foi que uma vontade do fundador desde criança de mudar o mundo, e viu a sua volta a principal dificuldade para ter início a mudança.

"A rede não é apenas uma porta ou várias que se abriram, é sim uma família que nunca tive, que eu conquistei," disse Eliésio Moraes (Jovem Aprendiz da ONG).



BELFORD ROXO RECEBERÁ A TOCHA OLÍMPICA

Por Victor Hugo Pereira

É hora da baixada participar das olimpíadas: Belford Roxo receberá a Tocha Olímpica.

No dia 3 de agosto, a Tocha Olímpica passará em Belford Roxo, Baixada Fluminense, e, para comemorar, além de ser decretado feriado na cidade, a Prefeitura está preparando uma programação especial com diversas atividades e apresentações para receber o ícone esportivo.

O percurso está previsto para começar às 16:30h na Avenida Benjamim Pinto Dias e não trará muitas mudanças ao trânsito. A tocha passará por vários pontos da cidade, como o Batalhão de Polícia, o Polo CEDERJ, a Vila Olímpica e irá terminar seu percurso pela cidade na Estrada Mineira, em Areia Branca, onde as bandas Dez Mais, Batucaê e Corpo Santo estarão se apresentando a partir das 18:00h. Dos corredores que carregarão a Tocha, dois são estudantes locais, sendo um deles uma aluna da Escola Municipal de Educação Especial Albert Sabin, Mariana Duarte.

Mari, como prefere ser chamada, tem 22 anos e foi diagnosticada muito jovem com um atraso psicomotor, porém isso não a impede de conduzir a Chama Olímpica. É uma jovem completamente ativa: além de ser faixa amarela no caratê, é apaixonada por futebol e tem o Kaká como ídolo. *"Estou ansiosa"*, disse ela.

"É uma sensação única, inexplicável," disse Izabel, mãe da Mari, ao ser perguntada sobre a responsabilidade da filha. *"Os protestos estão aí, mas isso não importa; o que importa é a minha filha, mesmo com as limitações dela, estar participando de um momento histórico em nosso país. Eu estou realmente realizada."*

"Estou muito feliz com esse evento e gostaria que desse tudo certo. [...] Estar organizando um evento de tamanha importância é uma honra, pois nosso município foi, entre tantos outros, um dos escolhidos pelo Gabinete da Presidenta Dilma a receber a Tocha," disse a assessora de gabinete Erica Marques, que está trabalhando na organização do evento.

Belford Roxo é só uma das 300 cidades brasileiras em que a Tocha Olímpica estará passando, deixando o seu legado de paz, união e amizade entre os cidadãos.

PARTE 3: OPORTUNIDADES E INCLUSÃO



DESIGUALDADES QUE ATINGEM AS JUVENTUDES

Por Arthur Ferreira e Victor Hugo Pereira

A diversidade no perfil das juventudes, está muito ligada na garantia de direitos básicos, a falta de acesso à educação de qualidade, desestrutura familiar, a omissão do estado em dar condições básicas de subsistência e a falta de recursos financeiros. Essas são só algumas das consequências da desigualdade social, e que afeta, não só o jovem em âmbito econômico, mas também profissional, escolar, de gênero, e até cultural.

Segundo a Atlas de Desenvolvimento Humano de 2013², nos últimos 10 anos, o aumento do índice de Desenvolvimento Humano no Brasil tem mostrado que a desigualdade social diminuiu, mas mesmo assim ainda há muito que fazer. A desigualdade social influencia muito a vida do jovem, pois está diretamente relacionada à falta de acesso às oportunidades e a falta de inclusão social em suas diversas formas, desde a não aceitação de quem é diferente, até a inclusão de classe, gênero entre outros.

Isso influencia a entrada no mercado de trabalho, pois esse jovem tende a trabalhar mais cedo, não em busca de experiência profissional, mas devido à necessidade financeira. De acordo com o PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios), 3,5 milhões de crianças e adolescentes de 5 a 17 anos estão sujeitas a situação de trabalho infantil, ou seja, mais de 8% da população dessa faixa etária. Isso é um dado preocupante, pois fere o Estatuto da Criança e do Adolescente.

² Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Fundação João Pinheiro

Segundo a lei brasileira, qualquer tipo de atividade, remunerada ou não, exercida por crianças e adolescentes e que priva os mesmos de direitos próprios para a sua idade, como o estudo e ao lazer, em qualquer hipótese, é proibida até os 13 anos de idade. Dos 14 aos 16, ele é permitido trabalhar somente na condição de aprendiz, que combina a frequência escolar com o desenvolvimento profissional supervisionado. Dos 16 aos 18, o trabalho é permitido, por tanto que não seja no turno da noite ou em condições de risco, como manusear máquinas. Portanto, quando falamos de trabalho infantil, falamos de uma situação que não respeita essas normas, prejudicando o físico e o psicológico de meninos e meninas.

Mas por que tantas crianças e adolescentes começam a trabalhar antes do tempo? Os motivos são tantos, porém o principal é para sustentar a si mesmo e a sua família. Muitos deles também trabalham para ter acesso a bens de consumo, como smartphones e videogames.

Hoje em dia, 60% dos jovens entre 14 e 17 anos que trabalham, exercem atividades perigosas, principalmente na indústria e na agricultura. Em uma enquete feita pelo UREPORT³, foi apurado que o principal motivo que leva os jovens a abandonarem os estudos é o trabalho (cerca de 49%). É um número preocupante, mas com a implementação de iniciativas como a Lei de Aprendizagem, essa estatística pode diminuir consideravelmente ao longo dos anos.



Regulamentada em 2005, a Lei de Aprendizagem (10.097/2000), determina que as empresas tenham no seu corpo de funcionário 5% a 15% de jovens aprendizes e estagiários. É um direito que os jovens a partir dos 14 anos possuem de garantir os seus direitos trabalhistas, de estar em condições de trabalhos seguras por meio período e serem remunerados, sem deixar os estudos de lado.

Ao adotar a Lei de Aprendizagem, as empresas assumem o papel de transformadores sociais, propondo a inclusão da juventude no mercado de trabalho, dando a ela qualificação profissional e combatendo a evasão escolar, pois um dos pré-requisitos do programa é o jovem estar cursando ou ter concluído o Ensino Médio.

³ U-Report é uma tecnologia que permite a participação de adolescentes e jovens em consultas sobre temas de seus interesses, por meio de enquetes, via SMS e rede sociais. Desenvolvida pelo escritório de inovação UNICEF do Quênia, hoje, está presente em mais de 15 países e gera dados estatísticos que são levados para autoridades, mostrando a voz dos jovens sobre assuntos como bullying, qualidade da educação, HIV, racismo etc.

Para as empresas, o programa contribui para os seus negócios representando a aquisição de novos talentos, e ao mesmo tempo ela se torna agente de mudança na sociedade, proporcionando aos jovens um futuro mais igualitário. Para a juventude, é uma oportunidade única para aprender as exigências necessárias que o mercado demanda.

Quando se fala de inclusão social no contexto de pessoas com deficiência, percebe-se que essa era uma questão marginalizada pela sociedade. O descaso que eles sofrem é algo notável, desde a falta de acessibilidade nas escolas, transporte público que não é adaptado, até a infraestrutura da cidade que não atende a esse grupo. De acordo com a Pesquisa Nacional de Saúde do IBGE, por todo o Brasil, 6,2% da população possui pelo menos um tipo de deficiência, seja ela física, intelectual, motora, visual ou auditiva. Porém, esse grupo se encontra na maioria das vezes longe do mercado de trabalho. No intuito de garantir empregos para essas pessoas, há 25 anos foi criada a lei de cotas para pessoas com deficiência.

A lei de cotas (8.213/91) é um direito que as pessoas com deficiência têm de se inserir no mercado de trabalho. Ela se dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência e dá outras providências a contratação de portadores de necessidades especiais. Se a empresa tem entre 100 e 200 empregados, 2% das vagas devem ser garantidas a esse grupo. O jovem com deficiência acaba sofrendo ainda mais, pois além de sofrer por ser jovem e “não possuir experiência” ainda caem sobre ele todos esses preconceitos da sociedade.

Por mais que exista uma legislação garantindo a esse grupo o direito ao trabalho, 60% das vagas que foram criadas destinadas às pessoas com deficiência estão vazias. O principal motivo para isso, de acordo com as empresas, é a falta de qualificação profissional. O que traz uma questão importante: até que ponto os jovens com deficiência estão acessando o direito à educação? Outra coisa que é muito pertinente é a falta de adaptação desses espaços para atender suas necessidades.

Justamente devido a essa dificuldade de encontrar pessoas com deficiência disponíveis para atuar na empresa, o projeto Mapa de Nós busca entender de que maneira deficientes se inserem na sociedade e no mercado de trabalho do Rio de Janeiro. O Mapa de Nós teve como objetivo mapear as condições de inclusão e acessibilidade de pessoas com deficiência e o acesso delas ao mercado de trabalho, em 10 comunidades pacificadas do Rio de Janeiro: Batan, Borel, Casa Branca, Providência, Salgueiro, Santa Marta, São Carlos/Mineira, Turano e Vila Kennedy.

Um dado importante que foi levantado no projeto é que 37% dos entrevistados estavam na faixa etária da juventude, de 15 à 29 anos, trazendo um importante cenário dos direitos dos jovens com deficiência. Além da falta de qualificação profissional, outro fator que faz com que jovens deficientes não trabalhem é o próprio desconhecimento dos seus direitos. Um dos dados apurados pelo Mapa de Nós é que 70% dos entrevistados não sabiam da existência dessa lei. A falta de conhecimento dos seus direitos é o principal vilão que precisa ser derrotado na luta contra as desigualdades.

Houve um momento durante a nossa jornada como Jovens Jornalistas em que fizemos uma dinâmica com um grupo de aprendizes, a fim de apresentar a eles o que são os ODS e o que eles poderiam fazer para que o mundo seja um lugar melhor. Era para ser algo rápido e simples, para apenas lembrar a eles que eles são os principais agentes de mudança da nossa sociedade, mas se tornando mais complexo cada vez que dávamos a voz a um deles, e isso foi bom! Ao mesmo tempo que eles questionavam a nossa realidade, eles pensavam em projetos mais ambiciosos, davam a opinião deles de como poderíamos fazer mais, e é assim que tem que ser. Promover debates inteligentes é a melhor forma de fazer uma ideia ganhar espaço pela sociedade.



NOVAS OPORTUNIDADES E ENRIQUECIMENTO PROFISSIONAL, UM LEGADO DOS JOGOS OLÍMPICOS

Por Juliana Carmo

Com o planejamento de uma super infraestrutura, as olimpíadas de 2016 promete atingir mais de 4,5 bilhões de espectadores no mundo. Os Jogos Olímpicos no Rio de Janeiro terão início no dia 5 de agosto de 2016.

Foram alguns anos de muitas obras, organização e desenvolvimento de um plano para melhorias em toda cidade em busca de um melhor conforto para moradores e turistas que esperam ansiosos para o início do evento.

A movimentação está a mil, e os voluntários que irão trabalhar durante esse período estão contentes e ansiosos com isso. Foram concedidos alguns benefícios para os voluntários como transporte, uniformes, certificado de participação, alimentação e treinamentos exclusivos cujo alguns incluem até curso de inglês com duração de 1 ano.

Serão 70 mil voluntários espalhados pelo Rio de Janeiro atuando em 9 áreas distintas. Como é o caso de Leonardo Bezerra, profissional de educação física, personal trainer, empresário e voluntário das olimpíadas:

“ Sempre fui amante do esporte vim da natação e de l  pr ticei polo aquático até comear a cursar educa o física, o desporto sempre esteve inserido na minha vida e como trabalho com eventos esportivos ser voluntário seria uma honra imensa.

Colaborar para realizar o maior evento esportivo do mundo no Rio de Janeiro traz também outras oportunidades, que vão do intercâmbio de diversas culturas diferentes   novas chances no mercado de trabalho com isso o enriquecimento do currículo e o aperfei amento profissional atrai uma boa quantidade de candidatos a voluntários.

Muitos já estão trabalhando nos pontos escolhidos e aguardam ansiosos para o início dos jogos. São pessoas de todo o mundo , de diversas localidades se unindo para as Olimpíadas e estão bastante orgulhosos do seu trabalho como   o caso de José Guimarães, psicoterapeuta de 49 anos:

“ A experiência de estar com pessoas do mundo inteiro, das mais diversas culturas, dos mais diversos esportes, isso   uma aquisi o para a vida inteira, sem contar o orgulho que tive em receber pessoas que vieram a meu encontro apenas com um sorriso e um estender de mãos e me disseram em sua língua materna que estavam muito felizes em ser recebidos desta maneira , ou seja, dentro desse ambiente olímpico o mais importante para nós voluntários   lidar com pessoas, com isso somos agradecidos por tantas coisas, acréscimo de amizade, de carinho, de respeito que são coisas extremamente necessárias para a vida de um ser humano.

Entretanto existem casos em que a paixão pelo esporte e pelos jogos olímpicos chama aten o e fala muito mais alto e se transformar em voluntariado pode ser uma das formas mais próxima de fazer parte do maior evento esportivo do planeta.

Com os jogos olímpicos em terras “cariocas” os voluntários buscam agregar um sentimento de esperança, felicidade e acolhimento para a sua realidade e a de todos que passarem pelas Olimpíadas 2016.

A união   o sin nimo dos jogos no Rio de Janeiro, todos estão esperançosos e de braços abertos para esse evento magnífico que está para acontecer, novas experiências e novos desafios para atletas, voluntários e espectadores, todos unidos em um só.



CASA DO MENOR SÃO MIGUEL ARCANJO PROMOVE INCLUSÃO E CRESCIMENTO ECONÔMICO

Por Victor Hugo Pereira e Arthur Augusto Ferreira

Fundada em 1986, a Casa do Menor São Miguel Arcanjo, além de acolher jovens em situação de risco, vem promovendo o crescimento econômico inclusivo e oferecendo formação para todos que buscam ter um trabalho decente.

Leandro Monteiro, de 27 anos, conta que não tinha nenhuma perspectiva de vida antes de se tornar aluno da Casa; Hoje, ele trabalha na instituição como coordenador do programa de inserção de jovens aprendizes no mercado de trabalho.

Quantos jovens a Casa do Menor está acolhendo?

L: No programa de profissionalização, atualmente temos 360 alunos nos cursos de mecânica, panificação, serralheria, elétrica predial, montagem e manutenção, assistente administrativo, cabeleireiro e design gráfico; E no Programa Jovem Aprendiz nós temos 78 aprendizes, todos eles jovens, que estão fazendo curso conosco e realizando suas atividades práticas nas empresas parceiras da Casa do Menor.

O que é preciso para um jovem poder cursar aqui?

L: Geralmente o perfil de atendimento da Casa do menor é de jovens e adultos que estão em situação de vulnerabilidade social. Nós oferecemos bolsas integrais para aqueles que não tem condições de pagar, e aos demais da comunidade é cobrado uma taxa de setenta e cinco reais, pois os nossos cursos não possuem financiador e o dinheiro das mensalidades é todo revertido para o pagamento dos instrutores e para a compra de insumos.

Uma das metas dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável é até 2020 reduzir a proporção de jovens sem emprego ou formação; Qual a relação dessa meta com o objetivo central da Casa do Menor? É possível ser alcançada?

L: O objetivo da Casa do Menor é aumentar o trabalho de desenvolvimento comunitário. A gente pretende expandir através de creches e de reforço escolar, mais cursos profissionalizantes, cursos de empreendedorismo, oficinas que venham fomentar elaboração de projetos culturais... Nós queremos aumentar as possibilidades de protagonismo dos jovens. *"Estamos há 30 anos fazendo isso e dentro do nosso histórico foram mais de 50 mil jovens atendidos. Eu acredito que essa meta deve não só levar em consideração o ensino de cursos profissionalizantes formais, como estamos vivendo hoje, eu acredito também que a gente consegue reduzir essa proporção quando é mostrado para os jovens outras maneiras dele se sustentar... Essa é uma bandeira que a Casa do Menor está começando a levantar, com o objetivo de diminuir até 2020, esse índice de jovens que estão aí à margem, sem perspectiva de vida, de trabalho ou de sustento."*

Qual é a relação da Casa com o trabalho voluntário?

L: Eu acredito que o voluntariado é uma engrenagem muito grande para instituição. Muitas vezes o

voluntário vem atender uma demanda da instituição que a gente não pode atender por falta de recurso. Não é só doação, é quem doa sua atenção, sua profissão, seu carinho, seu afeto, seu aconchego por uma criança acolhida, uma palestra... Qualquer pessoa pode se voluntariar na Casa do Menor. Temos um departamento para isso. No Programa Jovem Aprendiz mesmo temos ajuda de um voluntário, que é um psicólogo, que toda terça-feira vem fazendo um trabalho com os jovens aprendizes que nós não teríamos condições de bancar para esse tipo de trabalho e ele se colocou com o seu dom para prestar esse tipo de serviço. A Casa do Menor é um ambiente propício para esse tipo de experiência, para as pessoas colocarem o seu dom a serviço.

EVENTO EFEITO+ PROMOVE DIÁLOGOS SOBRE EDUCAÇÃO PARA CIDADANIA GLOBAL

Por Arthur Augusto, Guilherme de Moura e Larissa Merheb

No último domingo, dia 23 de outubro, na Biblioteca Parque Estadual ocorreu o fórum Efeito+, realizado pela AFS e pelo CISVRio, ambas organizações voluntárias, não governamentais e sem fins lucrativos. O evento, que tratava de questões relacionadas à promoção da educação da cidadania global, contou com a presença de 50 jovens do ensino médio da região metropolitana do Rio de Janeiro.

No primeiro bloco, na parte da manhã, palestras motivacionais em relação à promoção dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável foram ministradas por “AFSers”, protagonistas em sua área de trabalho que possuem experiências em cooperação internacional, que está diretamente relacionada ao ODS 17 (parceria em prol das metas).

Representantes brasileiros e internacionais subiram ao palco para palestrar sobre temas relacionados aos ODS. A respeito da ODS 17, citada acima, Pedro Renan Marcondes, representante da organização ARGILANDO, discursou dando exemplos de como essa integração em prol de um mundo mais sustentável vem sendo praticada na instituição. Explicou que foi adotado um método que consiste em fazer uma boa ação todo dia, durante um ano, resultando em 365 ações individuais que geraram iniciativas muito maiores. Um dos exemplos mais marcantes envolvia a coleta de potes de vidro para armazenar leite materno e doar para mães que não poderiam produzi-lo, bem como o de um design que projetou uma peça para coleta de artigos de higiene pessoal. A fala de Pedro é um ótimo exemplo de que as ODS são praticáveis e demandam engajamento. “É possível mudar o mundo”, disse. Ainda que seu mundo se restrinja ao bairro, escola, comunidade, igreja, ou ao estado. Aos poucos, de forma colaborativa, a mudança se faz presente.

Tal engajamento, no entanto, passa pelas noções de paz e justiça, explicitadas na ODS 16 e explicadas por Ragnar Thorvardarson, Especialista do Ministério das Relações Exteriores da Islândia, que dividiu sua experiência como um AFSer, fazendo conexões com os desafios de seu papel atualmente. É importante ressaltar que sua fala não representa a opinião do governo Islandês, e sim sua própria perspectiva. Ragnar explicou, por exemplo, que é possível sim implementar a cultura da paz e justiça em qualquer lugar, desde que, o diálogo seja usado como método para tal.



Numa entrevista exclusiva, quando questionado sobre como Brasil e Islândia poderiam cooperar na promoção dessa cultura de paz, respondeu que os intercâmbios mútuos são uma grandiosa troca que deve ser fomentada e que já existem estudantes da Islândia que chegam com o objetivo de aprender português e brasileiros que chegam no seu país para o mesmo fim. Finalizando, disse: *“Mais cedo, um membro da organização falou conosco em minha língua, que é falada por poucas pessoas e venho para o Rio e conheço alguém que fale minha língua. Creio que essa seja uma das coisas mais interessantes sobre esses intercâmbios”*.

Finalizando o ciclo de palestras, houve a contribuição da Dra. Vishaka Desai, Conselheira Especial para Assuntos Globais, acerca do tema do evento: educação global. Explicou que num futuro próximo, a cada quatro profissões, uma exigirá um nível de integração global e potencial multicultural. Disse de forma enfática: *“Não temos opção! Precisamos nos enxergar numa escala global”*. Tal afirmação nos trás a dimensão da relevância de eventos como este, no qual, cada jovem expressa a necessidade e vontade de ser um cidadão do mundo. Sobre isso, Dra. Desai explicou que para ela, ser um cidadão global significa ter a capacidade de se colocar no lugar do outro, de desenvolver empatia. Sendo ela indiana e tendo feito intercâmbio pela AFS na sua juventude, discursou com propriedade sobre o tema e desejou que cada jovem ali nunca se esquecesse desse ensinamento.



JOVENS JORNALISTAS PARTICIPAM DO SEMINÁRIO DO PNUD SOBRE A LOCALIZAÇÃO DOS ODS NO BRASIL

Por Eliésio Moraes, Juliana Carmo e Victor Hugo

“Diálogos sobre o Planeta: Parcerias para o Desenvolvimento Sustentável” foi o tema do seminário que foi realizado na terça-feira (4/10) no auditório de Furnas, no Rio de Janeiro. Promovido pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), o evento promoveu entre aproximadamente 200 pessoas, incluindo representantes do governo, sociedade civil, setor privado, mídia e academia, debates focados no eixo Planeta da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

No encerramento do evento os Jovens Jornalistas passaram uma mensagem emocionante de empoderamento a juventude contando os objetivos do programa, propondo a se engajar por um presente e um futuro melhor. O projeto é fruto da parceria do CIEDS com o Centro RIO+ e busca escrever histórias de mobilização e inovação social em prol do desenvolvimento sustentável visando inspirar outros jovens, criando assim um novo olhar da cidade do Rio de Janeiro focado em experiências da juventude.

Esse seminário é só o primeiro de uma série sobre a Localização dos ODS no Brasil que estará passando pelo país. Assim como “Planeta” foi o assunto dessa vez, os próximos serão voltados para os eixos restantes: Pessoas, Paz, Prosperidade e Parcerias.

PENSANDO EM ECONOMIA CLIMÁTICA NO GLOBAL SUMMIT

Por Ana Beatriz Vieira

Uma semana atrás, de 23 até 28 de agosto, ocorreu "The Global Summit" no Rio de Janeiro com seu quinto encontro. O Evento foi inaugurado entre 16-18 de novembro de 2008, em San Francisco, Califórnia. Ele ocorre a cada dois anos e tem o objetivo de incentivar cidadãos, empresas e organizações a trabalhar juntas durante o ano inteiro para co-criar um futuro sustentável.

Ele foi dividido em diferentes temas: saúde, educação, cidades sustentáveis e clima. As pessoas participavam do tema que mais se identificavam. O tema Clima abordou economia circular e contou com a presença de alguns palestrantes falando sobre economia circular e outros representantes de alguns projetos e micro-empresas que colaboram para o desenvolvimento sustentável. A seguir você irá conhecer um dos projetos.



JOVENS DO RIO RELATAM EXPERIÊNCIAS E COMPARTILHAM SONHOS NO DIA INTERNACIONAL DA JUVENTUDE

Por Victor Hugo Pereira

Nesta última segunda-feira (15), a ONU e a Fiocruz comemoraram o Dia Internacional da Juventude com uma roda de conversa com representantes da ONU e jovens de diversas realidades diferentes, em Manguinhos, Rio de Janeiro. Pela primeira vez na América do Sul e inspirado pelas Olimpíadas, o tema do evento nesse ano foi "Juventude, Esporte e Desenvolvimento: Rota para 2030".

Tendo como sede a Tenda da Ciência, onde aconteceu a Eco-92, estavam o enviado especial para a juventude do secretário-geral da ONU, Ahmad Alhendawi; o coordenador residente da ONU no Brasil, Niky Fabianic; o assessor do secretário-geral sobre Esporte para o Desenvolvimento e Paz, Wilfried Lemke; além do representante da Fundo de População das Nações Unidas, Jaime Nadal, e o presidente da Fundação Oswaldo Cruz, Paulo Gadelha. Ao todo, estiveram mais de 200 pessoas presentes.

O evento começou bastante agitado com a apresentação do grupo de funk Dream Team do Passinho, que além de cantar hits como "Olhos coloridos", "De Ladin" e "Vai dar ruim", performaram uma música especial de conscientização sobre o zika e os direitos reprodutivos, feita em parceria com o UNFPA, "Mais

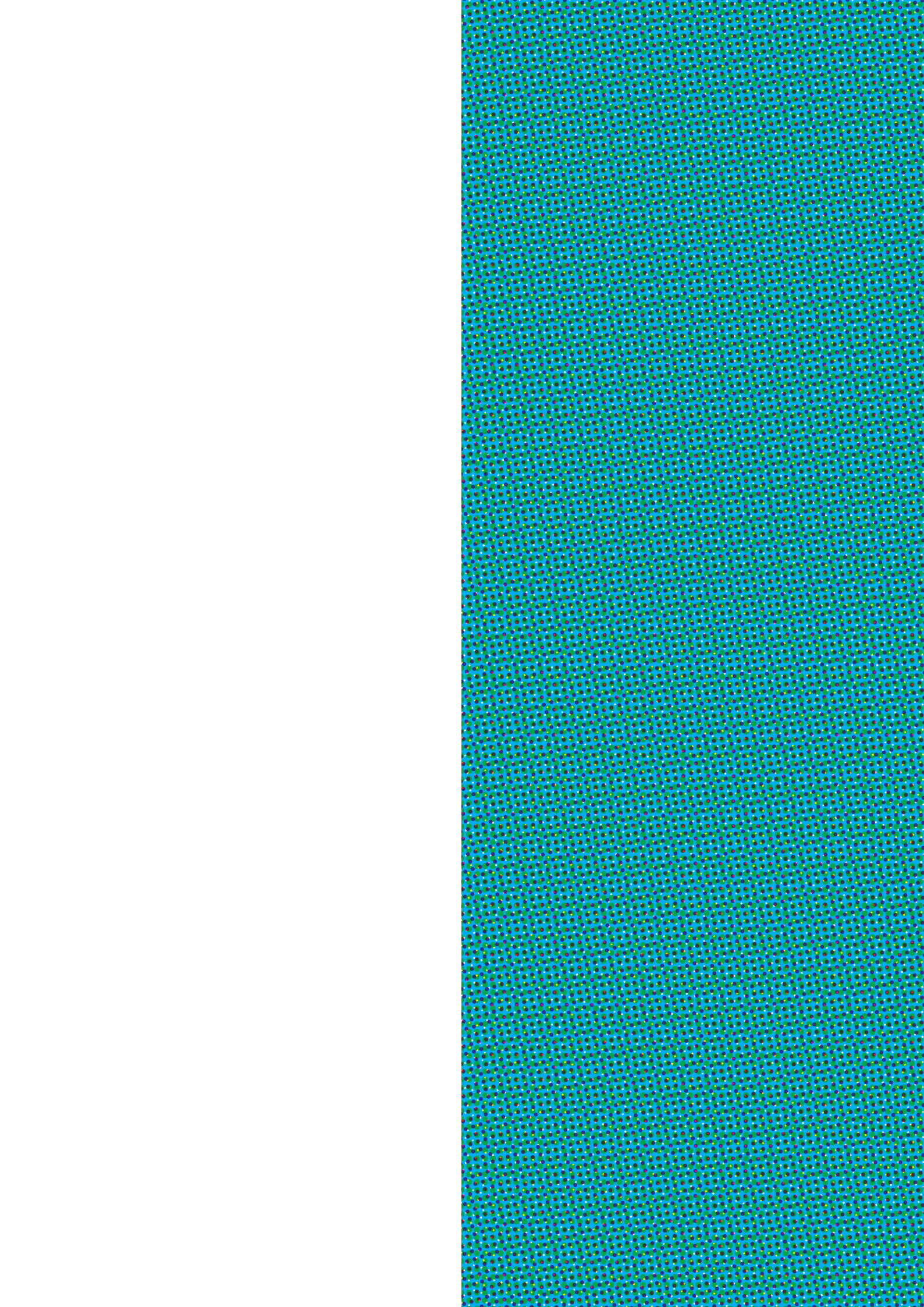


direitos, menos zika". Ao final do espetáculo, todos os integrantes do grupo ganharam um certificado da ONU, reconhecendo o compromisso deles com a juventude, e Lellêzinha, a única voz feminina, foi nomeada Amiga do UNFPA Brasil para a Juventude.

A Roda de Conversa começou com discursos de encorajamento aos jovens, com Luislinda Valois, que inspirou aos jovens negros a lutarem por cargos de poder, Lamke, que elogiou os cidadãos brasileiros pelas Olimpíadas, apesar da dificuldade, Gadelha, que alegou a necessidade de um novo sistema de desenvolvimento, diferente do industrial do passado, Fabianic, que apoia a música e o esporte como ferramentas para mudar a sociedade, e Ahmad Alhendawi, que defendeu a necessidade de se empoderar dos jovens.

Logo depois chegou a vez de dar a voz à juventude. Vários jovens de diferentes realidades contaram um pouco sobre a sua história de vida e a causa que defendem. Entre eles, estavam a ativista Ayune Bezerra, que defende os direitos dos transexuais, Adel Bakkour, um jovem refugiado sírio, Jonatan Finkler, da Rede Nacional de Adolescentes e Jovens vivendo com HIV/Aids, Jorge Luís do jornal Fala, Manguinhos! e Maria de Souza, da Rede Nacional de Religiões Afro-Brasileiras e Saúde.

As últimas considerações foram por conta da vice-presidente de Ensino, Informação e Comunicação da Fiocruz, Nísia Trindade. *"Foram várias experiências relatadas aqui, e cada uma delas nos remete a uma vivência, a um tipo de exclusão, mas todas elas falam de um projeto e de um futuro, uma Agenda 2030, sem colocar a juventude no centro dessa agenda"*, disse.



CONCLUSÃO

O Rio de Janeiro e Brasil, abençoados pela Mãe Natureza, também gozam de um privilégio demográfico, chamado de bônus, que significa que sua população em idade ativa, para trabalhar, é grande em proporção ao restante do povo. A juventude brasileira, com seus mais de 50 milhões de indivíduos, é a explicação para o termo estatístico “bônus demográfico”, que mostra um país jovem, repleto de energia.

Por sinal, apenas 26 dos 195 países membros das Nações Unidas possuem população maior do que os 50 milhões de jovens brasileiros. Trata-se de um bônus que pode ser uma grande benção, uma força transformadora para o futuro.

Transformar o bônus em benção requer, contudo, investimentos sérios, contínuos na juventude e uma atenção especial para o desenvolvimento das capacidades e geração de oportunidades para estes milhões de jovens brasileiros, ávidos para ter a chance de contribuir para a construção de um futuro mais sustentável, justo e digno. A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável e os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) representam uma oportunidade única para guiar as nossas ações, tanto dos governos – em todas as instâncias e esferas de poder, a sociedade civil, cidadãos, empresas e a própria ONU, rumo a um padrão de desenvolvimento que seja mais inclusivo, e justo, com participação ativa e protagonista do jovem de hoje na construção do mundo de amanhã. A juventude de hoje será a liderança política, econômica e diplomática em 2030, tanto no Brasil quanto no mundo todo. E é esta juventude de hoje que precisa ser não apenas ouvida pelos líderes de hoje; há uma clara e evidente necessidade de se abrirem espaços significativos para que os anseios e preocupações dos jovens sejam traduzidos em mudanças nas políticas públicas e nas estratégias das empresas e organizações da sociedade civil.

O Rio de Janeiro é um cidade emblemática para as Nações Unidas. Foi aqui, na Cidade Maravilhosa, que a humanidade se reuniu, em 1992, na histórica conferência da ONU, a ECO-92, para colocar o desenvolvimento sustentável no centro das atenções do mundo e da diplomacia global.

O desenvolvimento sustentável significa um padrão de desenvolvimento que atenda as necessidades de qualidade de vida das gerações presentes ao mesmo tempo em que se preservam os direitos das gerações futuras a um Planeta Terra saudável, com água potável, menos poluição, com um clima que permita a vida na terra, no mar e no ar. Vinte anos depois da importante conferência de 1992, os líderes mundiais se reuniram novamente no Rio, na Conferência Rio+20, para mais um momento histórico para o futuro da humanidade. Foi na Rio+ 20 que se lançaram as bases da Agenda 2030 e seus 17 ODS, o mais ousado e detalhado plano de ação que a humanidade já dispôs para transformar o desenvolvimento rumo à sustentabilidade – respeitando a harmonia entre as suas três indivisíveis dimensões (econômica – social – ambiental).

Como um legado concreto da Rio+ 20, o Centro RIO+ do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), tem grande orgulho em ter desenvolvido uma bela e frutífera parceria com o CIEDS no âmbito do projeto Jovem Jornalista. O jovem de hoje precisa ser o protagonista na construção do futuro que queremos em 2030. A concretização da Agenda 2030, nascida na Cidade Maravilhosa em 2012, depende necessariamente da participação e ação do jovem de hoje.

É nosso desejo que este projeto Jovem Jornalista inspire modelos semelhantes para replicação por parte dos 166 escritórios nacionais do PNUD, por todo o mundo em desenvolvimento. Continuem contando conosco!

Layla Saad

Vice-Diretora, Centro RIO+

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD

Rio de Janeiro, Brazil

BIBLIOGRAFIA

ABRAMO, Helena. **Pesquisa sobre juventudes no Brasil** - IBASE - 2008.

Atlas de Desenvolvimento Humano no Brasil. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Fundação João Pinheiro.

Guia Plataforma dos Centros Urbanos. Edição 2013-2016. UNICEF

Juventude e políticas sociais no Brasil / organizadores: Jorge Abrahão de Castro, Luseni Maria C. de Aquino, Carla Coelho de Andrade. – Brasília : Ipea, 2009. 303 p. : gráfs., tabs.

Mapa de Nós: um olhar sobre o universo da pessoa com deficiência em 10 comunidades da cidade do Rio de Janeiro / IPP-CIEDS, 2016

SILVA, Jaison. **As favelas como territórios de reinvenção da cidade.** Cadernos do Desenvolvimento Fluminense, Rio de Janeiro, n. 1, fev. 2013.

Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. Documento final da agenda pós-2015- Traduzido pelo Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio). 2015



*Empowered lives.
Resilient nations.*